

# Luiz Henrique Schwanke e a história da arte: breves notas

*Luiz Henrique Schwanke and art history:  
brief notes*

SANDRA MAKOWIECKY\*

Artigo completo submetido a 25 de janeiro e aprovado a 31 de janeiro de 2014

\*Brasil, crítica de arte. Graduação em Licenciatura em Educação Artística pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), especialização em Arte — Educação, UDESC. Mestrado em Gestão do Desenvolvimento e Cooperação Internacional pela Universidade Moderna de Lisboa. Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora na UDESC, Centro de Artes.

AFILIAÇÃO: Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Centro de Artes (CEART), Avenida Madre Benvenuta, 2007 — Itacorubi, Florianópolis — SC, CEP 88035-001, Brasil. E-mail: [sandra.makowiecky@gmail.com](mailto:sandra.makowiecky@gmail.com)

**Resumo:** O objetivo deste texto é apresentar em breves notas, uma complexa ligação entre a obra do artista Luiz Henrique Schwanke e a história da arte. Imagens e referências diretas e indiretas serão apresentadas com o objetivo de mostrar como estas participam do processo criativo do artista, transformando-se em potência imaginativa.  
**Palavras chave:** Luiz Henrique Schwanke / história da arte / potência da imagem.

**Abstract:** *The main goal of this paper is to present brief notes, a complex connection between Luiz Henrique Schwanke's work and art history. Images and direct and indirect references will be presented aiming to show how these participated in the creative process of the artist, becoming imaginative potency.*

**Keywords:** *Luiz Henrique Schwanke / art history / image's potency.*

## **Introdução: arte falando de arte**

Há muitas razões para um artista despontar em seu tempo, nos diz o texto de apresentação do livro de Klock et al. (2010: 9), sobre Luiz Henrique Schwanke,

que foi voraz em 20 anos de produção, principalmente nas décadas de 1970 e 1980. Considerado um dos expoentes da arte brasileira no século 20, ele estudou comunicação e se destacou como nome conectado ao movimento artístico internacional. A obra completa, segundo pesquisadores, chega a 5 mil peças, entre desenhos, pinturas, instalações, esculturas e projetos. A poética de Schwanke, artista catarinense falecido em 1992, aos 40 anos, continua viva em suas obras, não apenas nas formas espaciais palpáveis ou visíveis, mas principalmente nas “formas narrativas” imateriais, como ele próprio conceituou. A trajetória artística de Schwanke não é longa. Vai da década de 70 ao início de 90, no entanto, o conjunto de sua obra não é somente vasto, mas vigoroso. Neste período transita por diferentes manifestações artísticas, estabelecendo articulações complexas entre elas. Do desenho à instalação imaterial, passa também pela *assemblage*, explorando materiais diversos.

Sobre sua relação com a história da arte: grande parte da potência de sua obra, a nosso ver, reside no conhecimento muito grande que tinha da história da arte, mostrando que o artista pode e deve aprender com seus mestres, tanto das artes plásticas como da literatura, pois sua biblioteca abrigava escritores como Julio Cortázar, Ezra Pound, Henry Müller, James Joyce, Merleau-Ponty e Fernando Pessoa, os pensadores Roland Barthes, Jean Baudrillard e Merleau-Ponty e até alguns livros de física e direito. Sua produção, apesar de ter sido tema de monografias, dissertações de mestrado e tese de doutorado sempre apresenta novas facetas, como todo clássico. O clássico é aquele que nunca esgota sua capacidade de provocar, tirar o chão, perturbar, dizer coisas novas, entendendo que a realização de uma obra de arte se dá na medida em que vai encontrando condições de transformar algo que não havia em coisa que existe. Um clássico sempre provoca a expectativa do desconhecido para cada um. No catálogo da mostra “Caravaggio e Seus Seguidores”, realizada Museu de Arte de São Paulo no ano de 2012, o curador da mostra no Brasil, Fabio Magalhães, ao escrever “A Presença no Brasil: De Caravaggio e Seus Seguidores”, cita Luiz Henrique Schwanke, que na opinião do curador, foi o que melhor trabalhou os temas caravaggistas e o problema da luz. Diz o autor que a pintura de Caravaggio desperta enorme interesse entre os artistas brasileiros contemporâneos, que resgataram temas e preocupações do pintor italiano. Além de Schwanke, elenca Alex Flemming, Gilberto Salvador, Hudnilson Junior e Vik Muniz. Sobre Schwanke, diz que merecem destaque as duas instalações voltadas a reinterpretar a luminosidade do grande mestre: *Cubo de Luz*, *Antinomia* (Figura 1 e Figura 2), sua obra mais famosa, apresentada na 21 Bienal Internacional de São Paulo de 1991 e *Claro-Escuro* (Figura 3) na qual o artista utilizou uma plotagem

de *Deposizione*, de Caravaggio (Figura 4). Em *Cubo de Luz*, *antinomia* construiu um cubo de 5 metros e meio no jardim ao lado do prédio da Bienal e instalou nas paredes internas 80 refletores de luz, suficientes para iluminar um estádio de futebol. Para o artista, havia um paradoxo — um volume imaterial, penetrável e de contemplação impossível. Uma obra de execução complexa, porque teve que construir uma estrutura com holofotes. A Agência Nacional de Aviação teve que ser consultada pois o fecho de luz era tão intenso que se projetava e atravessava o céu da cidade e poderia atrapalhar a rota dos aviões para Congonhas. Foi um trabalho de implicações de ordem pública, uma intervenção na cidade. Mas Schwanke não se limita à questão da luz, uma de suas facetas mais conhecidas. O artista faz comentários da História da Arte através de sua fala e dos títulos das obras e é na história da arte que tudo se origina e onde tudo termina. Ao longo de sua obra, o artista referencia Renoir, Canova, Michelangelo, Georges La Tour, Michelangelo da Caravaggio, Johannes Veermer, Antonello de Messina, Andy Warhol, Leonardo Da Vinci, Mondrian, entre muitos outros. Todavia, esse não é um assunto novo para quem se debruça sobre a obra dele. Alguns textos já apontam isso, em especial, Guerreiro (2011), em seu texto: *Schwanke: rastos*. O que pretendo é falar um pouco mais deste procedimento tão necessário, mas nem vezes explícitos pelos artistas, pois como aprender e apreender o vocabulário da arte senão com obras e artistas? Apesar de ser um desbravador de novas linguagens, irrequieto em suas pesquisas, sua atenção voltou-se muitas vezes para a história da arte, para grandes mestres do passado, em especial para Caravaggio. “ Nas aulas de história da arte da Universidade Federal do Paraná, o assunto claro-escuro de Caravaggio se tornou para mim uma ideia constante. A luz na quantidade máxima de requinte de representação” (Schwanke apud Klock, 2010: 88). Diz Magalhães (2010), que na produção dos anos 70 já revelava fascínio pela luz, sendo que interessou-se principalmente pelo *chiaro-escuro* da pintura barroca dos séculos XVI e XVII.

Segundo Nadja de C. Lamas (1998) o gesto artístico de apropriação é uma constante na obra de Schwanke, tanto pelo desenho de imagens de design, em especial de cadeiras, como pelas releituras das obras de artistas do passado, dando novo significado ao existente. Enquanto a escultura do italiano Antonio Canova (1757-1822) apresenta Pauline Borghese com uma maçã semioculta na mão esquerda (Figura 6), no desenho de Schwanke (Figura 5) lá está a fruta explícita, quase da mesma altura que a poltrona. Schwanke retrata Pauline como uma cadeira de descanso, bastante comum em revistas de design. Embora as formas da poltrona sejam arredondadas, existe uma limpeza formal no tratamento geral da obra. O artista dá um grande destaque para a maçã, enquanto Canova



**Figura 1** - Schwanke. *Cubo de luz*, *Antinomia*. 1991.  
Bienal Internacional de Sao Paulo.

**Figura 2** - Schwanke. *Cubo de luz*, *Antinomia*. 1991.  
Bienal Internacional de Sao Paulo.



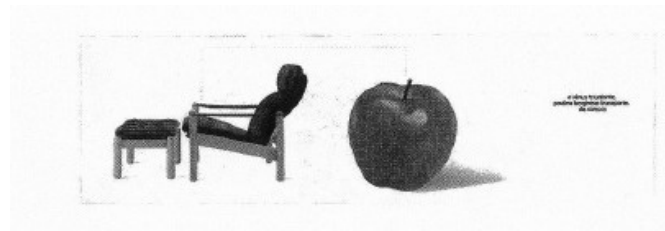
**Figura 3** · Swanke. *Claro- Escuro*. Instalação que utiliza holofotes, espetos e uma plotagem de Obra de Caravaggio. 2x3 m comprimento x 2,3 de largura., 1 m profundidade. 2003. Moinho Novo Rebouças, Curitiba, Paraná.

**Figura 4** · Caravaggio. *A deposição de Cristo*. 1601-04. Museu do Vaticano.

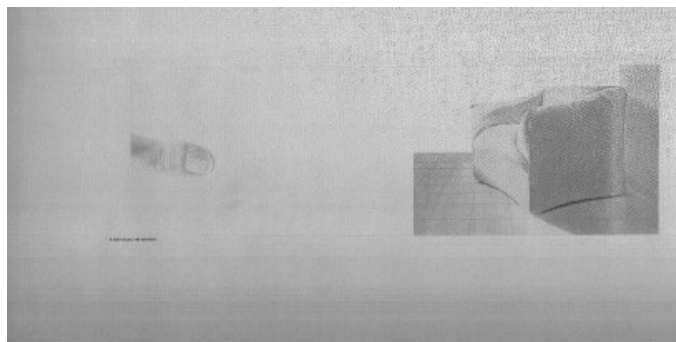
a representa sob o ideário neoclássico, em que Pauline, com corpo semi — nu, carrega a fruta em suas mãos, de forma discreta. A mesma relação pode ser observada nas obras *Anunciação* de Leonardo (Figura 7) e *Anunciação* (Figura 8) e em outras muitas outras obras, mesmo que não de forma explícita. No desenho de Schwanke, neste tema bíblico que integra a farta iconografia do assunto, a virgem é representada pelo desenho de uma poltrona de design moderno, em que os braços se abrem sob incidência de uma forte luz. Do lado oposto à poltrona, um dedo é dirigido à Maria, simbolizando o gesto de indicação proferida pelo anjo Gabriel, ao anunciar que Maria havia sido escolhida para ser a mãe do filho de Jesus.

Para exemplificar esta relação do artista com a história da arte, alguns autores facilitam este entendimento, como Aby Warburg, Agamben, Didi-Huberman, Emanuelle Coccia, Deleuze, Antelo, entre outros. O ensaio *Ninfas* do filósofo Giorgio Agamben trata do atlas de Aby Warburg. Traz uma reflexão sobre imagem e fórmula de *pathos*. Diz que a memória não é possível sem uma imagem, que é afecção, um *pathos* da sensação ou do pensamento, de modo a pensar a vida póstuma das imagens (*nachleben*): “encarnação emblemática de sobrevivência e alterforma que dá lugar à continuidade do visível em nossa cultura” (Agamben, 2012: 13).

Se a imagem é feita de tempo e de memória, então a imagem é fantasma por resguardar uma memória carregada de energia, que pode se transformar sempre já que é potência imaginativa. A Imagem pode ser vista como conjunto de relações de tempos. Para Gilles Deleuze (2006) a “imagem não é presente”, mas um “conjunto de relações de tempos” e que essas relações “estão na imagem desde a sua criação.” O objeto da História da Arte não é a unidade do período descrito, mas sua dinâmica, o que supõe movimentos em todos os sentidos, tensões e contradições. A obra do artista deve ser pensada dentro deste processo em construção e suas práticas permitem ao espectador, comparar e refletir sob outras premissas a respeito do tempo e da memória. Como potência, a imagem diz, mas a obra não implica apenas o autor, precisa da relação com o espectador, assim como com seus significados. As relações imagem e contexto, imagem e leitura, imagem e mensagem, arte, vida, identidade e memória são descritas e desdobradas por Raúl Antelo (2004). Obras são lidas e imagens são remontadas em um modo de ler seu tempo. É preciso devolver potências à imagem, devolver potência a uma imagem é dar-lhe uma história e uma crítica. Não é possível teorizar a respeito da arte sem percorrer a história de suas várias tradições, sem conhecer a história das obras, a história da crítica e, ainda, a história dos conceitos. É necessária uma memória metodológica. “Em todo



**Figura 5** - Schwanke. *A Vênus triunfante*.  
*Pauline Borghese Bonaparte de Canova*, 1979.  
**Figura 6** - Antonio Canova. *Pauline Borghese*  
*como Venus*. 1805-08



**Figura 7** · Schwanke. *Anunciação de Leonardo*. 1979.  
**Figura 8** · Leonardo Da Vinci. *A Anunciação*. 1472-75.

discurso sobre a arte do passado, existe um discurso subterrâneo sobre a arte do presente, porque a atividade artística é um movimento ininterrupto” (Recht, 2012: 12). Raul Antelo (2010), ao fazer uma resenha do livro de Coccia (2010), diz que se a imagem é sobrevivência, a vida póstuma, conforme Coccia é o nosso próprio ser enquanto imagem, emanada por todos nossos gestos e que atravessa tudo quanto é tocado por nossas imagens. A imagem (o sensível) não é senão a existência de algo fora do próprio lugar. Qualquer forma e coisa fora do próprio lugar se torna imagem, mas “ [...] mantendo uma relação acidental com a distância, efeito deslocado daquilo que foi outrora, resto do resto do que foi vivido, cabe-lhe uma definição que poderia ser assim indicada: *não estou mais onde existo nem onde penso, conforme Cocchia: 23*” (Cherem, 2013: 5). Tais reflexões nos remetem à ideia de repetição e diferença, em que a repetição faz a diferença, realizando na prática as propostas conceituais de Deleuze e Guattari, citando Bulhões (2012): “Se as obras de arte produzem sentido por relações, o destino delas é ser constelar, isto é, quando alguém entra em contato com a obra, imediatamente pensa em outra. Ninguém olha para ela sem criar relações.”

### Conclusão

Imagens e referências diretas e indiretas de Luiz Henrique Schwanke com repertório explícito da história da arte foram brevemente apresentadas com o objetivo de mostrar como estas participam do processo criativo do artista, transformando-se em potência imaginativa e imagem, coisa fora do tempo e do lugar.

### Referências:

- Antelo, Raul (2010). “De anjos e imagens. A vida póstuma, diz o filósofo Emanuele Coccia, é o nosso próprio ser enquanto imagem.” *Jornal Diário Catarinense*. Florianópolis, 13 mar. 2010 | N° 8741. Caderno Cultura.
- Antelo, Raul (2004). *Potências da Imagem*. Chapecó: Editora Argos
- Bulhões, Maria Amélia (2012) *Arte é fruto de uma excepcionalidade?* Disponível em < URL: <http://sul21.com.br/jornal/2012/09/a-arte-e-fruto-de-uma-excepcionalidade/>>. Acesso em 28 set.2012.
- Cherem, Rosangela Miranda (2013) “Sobre arquivo e montagem na obra de Franz Post.” *Revista Ciclos*, Florianópolis, V.1, N. 1, Ano 1, Setembro.
- Cocchia, Emanuele (2010). *A vida sensível*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2010: 23.
- Deleuze, Gilles (2006). *Diferença e repetição*. 2ª edição revista e atualizada. São Paulo: Edições Graal Ltda.
- Guerreiro, Walter de Queiroz (2011). (Org.). *Schwanke: rastros*. Belo Horizonte: Editora C/Arte.
- Guerreiro, Walter de Queiroz (2011). “Schwanke: rastros.” In: Guerreiro, Walter de Queiroz (2011) (Org.). *Schwanke: rastros*. Belo Horizonte: Editora C/Arte. Pag. 13- 33.
- Klock, K., Brasil, Ivi e Schultz, Vanessa (2010)

- (orgs). *Percurso do círculo: Schwanke: Séries, múltiplos e reflexões*. Editora Contraponto, Florianópolis.
- Lamas, Nadja de Carvalho (1998) *Reverendo a casa tomada...tão atual como em 80*. Catálogo do VI Salão Nacional Victor Meirelles, Museu de Arte de Santa Catarina, Florianópolis.
- Magalhaes, Fábio (2010). "Poética iluminada." In: Klock, K., Brasil, Ivi e Schultz, Vanessa (2010) (orgs). *Percurso do círculo: Schwanke: Séries, múltiplos e reflexões*. Editora Contraponto, Florianópolis. Pag. 85-109.
- Magalhaes, F., Vodret, R. E. e Leone. G. (2012). *Caravaggio e seus seguidores*. São Paulo: base 7 projetos culturais (catálogo da exposição de mesmo nome no Brasil).
- Recht, Roland apud Huchet, Stéphane (2012) "A Instituição da imagem: Perfil de uma história da arte." In: Huchet, Stéphane (org). *Fragments de uma teoria da arte*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p. 12.